



**O desenvolvimento
histórico do
messianismo no
judaísmo antigo:**

**diversidade e
coerência**

As ideias messiânicas, de configurações diversas ao longo dos tempos, e que chegam ao Brasil por intermédio notadamente do pensamento de Bandarra e do sebastianismo, gerando movimentos messiânico-milenaristas como o de Canudos e o Contestado (Godoy, 2005, pp. 100-1), têm origens que remontam ao antigo Oriente Próximo e adquirem seus contornos determinantes no judaísmo primitivo. O messianismo ocupou um papel de grande importância no desenvolvimento do judaísmo antigo e na formação de suas ramificações e grupos distintos, dentre os quais se encontram os primeiros cristãos. O estudo do fenômeno nesse contexto constitui uma das formas mais significativas de se compreender o judaísmo e o cristianismo na Antiguidade, e lança as bases para a compreensão das concepções messiânicas subsequentes, inclusive das que viriam a se desenvolver no Brasil.

RODRIGO F. DE SOUSA é professor no Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Recentemente, alguns estudiosos têm tentado minimizar a importância do messianismo na constituição do judaísmo primitivo. Um expoente dessa linha de pensamento é Charlesworth, que afirma que a fragmentação e a variedade de concepções messiânicas no judaísmo antigo indicam que o messianismo possuía uma importância apenas ciliar (Charlesworth, 1998, pp. 1-5)¹.

Do outro lado do espectro encontramos a posição de Horbury, que sugere em seu esboço histórico do messianismo dos séculos VI a.C a II d.C. que a importância da expectativa messiânica do judaísmo nesse período não deve ser minimizada. Horbury reconhece a diversidade de configurações do messianismo no período, mas enxerga um elevado nível de consistência nas características atribuídas ao messias. Horbury vê na forma de organização e transmissão dos livros da Bíblia hebraica (Antigo Testamento) uma continuada inspiração e motivação para a expectativa messiânica influenciada pelo próprio conteúdo dos textos coletados. Esses textos ocupariam um lugar proeminente nas tradições interpretativas do judaísmo no período grego e romano. Por sua vez, essas tradições proporcionaram o surgimento de um messianismo ramificado, mas não inconsistente, inclusive com uma atribuição de traços super-humanos e sobrenaturais comuns ao messias (Horbury, 1998, p. 2).

O propósito da presente contribuição é delinear, em linhas gerais, o processo pelo qual as expectativas messiânicas assumiram as formas que as caracterizavam no judaísmo antigo, do final do período exílico² até o princípio da era cristã, a época também conhecida como o período do Segundo Templo, e propor uma visão do messianismo que reconhece que o fenômeno assumiu formas variadas, mas reteve ao mesmo tempo alguns traços característicos comuns. Seguindo parcialmente Horbury, nossa tese é a de que o messianismo judaico tem suas raízes no período da composição dos textos bíblicos, mas assume suas características determinantes através de tradições interpretativas desses textos desenvolvidas segundo forças históricas e sociais diversas.

Essas forças determinam os contornos específicos do messianismo para cada grupo social judaico. O conceito de *ideologia*, conforme proposto por Ricoeur (1989), oferece o paradigma teórico básico para a formulação da nossa proposta.

O termo “messias” deriva do grego *messias* que, por sua vez, deriva do aramaico *mashiha* e do hebraico *mashiach* (“ungido”). O termo grego aparece no *Evangelho de João* (1:42; 4:25) de forma a indicar que, no período da escrita do Novo Testamento, já se inseria no contexto de um discurso com o qual pelo menos uma parcela da população judaica já se encontrava familiarizada.

O conceito de “ungido de Yavé” já havia sofrido transformações significativas no fim do período do Antigo Testamento e a descrição abreviada “ungido” (*mashiach*) passou a ser aplicada não só ao rei – como o governante divinamente aprovado – mas também ao sumo-sacerdote e adquiriu uma conotação progressivamente voltada para o futuro. No século II a.C. o uso persistente dessa forma já seria uma indicação de que o conceito era familiar e dispensaria explicações especiais.

Ao discutir os usos do termo no período que vai do Segundo Templo às revoltas judaicas e à literatura talmúdica, Horbury (1998, pp. 7-12) identifica quatro elementos que indicam a centralidade do messianismo:

- 1) os usos da terminologia, particularmente do equivalente grego *messias*, sugerem um uso bem difundido na *oralidade*;
- 2) o uso frequente e consistente da terminologia geraria certo nível de unidade e coerência, contrariando a visão de que as noções messiânicas eram totalmente díspares e inconsistentes;
- 3) as expectativas messiânicas originaram narrativas relativamente detalhadas do advento, guerras e reino do messias;
- 4) o vocabulário messiânico, bem como as noções que cercam o conceito, derivam do Antigo Testamento, e é nesta coleção que se encontra o ideário a partir do qual as concepções posteriores se desenvolvem.

1 Dentre as inúmeras contribuições de Charlesworth destaca-se a conferência sobre o messianismo organizada na Universidade de Princeton (Charlesworth, 1992).

2 O período do exílio – ou *desterro* – durou de cerca de 586 a 539 a.C.

É necessário, portanto, observar tanto o uso do vocabulário messiânico como também as noções ideológicas e socioculturais à base do messianismo. No contexto do Antigo Testamento, o termo *mashiach* se refere basicamente a um agente investido com uma função social específica. A unção com óleo separava socialmente um determinado indivíduo para o desempenho de uma tarefa especial, em caráter permanente ou temporário. Primariamente, o processo de unção era administrado em reis (*I Sm.* 2:10, 35; 16:6; *Sl.* 2:2; 20:7; 84:10) – uma prática possivelmente herdada das civilizações cananea e hitita –, sacerdotes (*Lv.* 4:3; 6:15) e outros oficiais religiosos (*I Cr.* 16:22) (Fitzmyer, 2007, pp. 9-11). O termo não aparece na primeira parte do Antigo Testamento, a *Torá* (ou *Pentateuco*). Seu uso é significativo nas narrativas sobre a história de Israel (nos chamados *livros históricos* ou *profetas anteriores*), em alguns salmos, e em textos proféticos. A concepção de unção remonta a ideias comuns sobre a monarquia no antigo Oriente Próximo, e a relação entre esses conceitos e os desenvolvimentos posteriores no messianismo tem sido abordada por diversos estudiosos.

Mowinckel (2005) ofereceu uma das mais significativas e influentes descrições do messianismo judaico, baseada basicamente na distinção entre os conceitos de “ungido” e “messias”. Para ele, o último denota invariavelmente uma figura escatológica, o primeiro aparece conectado normalmente a um rei temporal (Mowinckel, 2005, p. 5). Ele afirma que as concepções de reino e reinado típicas do antigo Oriente Próximo formaram a base da tradição israelita que deu formas particulares a essas mesmas concepções. No caso específico de Israel, a concepção de monarquia derivava da ideologia real do antigo Oriente Próximo, mas foi reconfigurada à luz do iavismo – a religião dos antigos israelitas, representada nas páginas do Antigo Testamento – e das tradições sobre a peregrinação dos israelitas pelo deserto. O papel do rei seria o de exercer a justiça divina – com o ideal e a realidade em tensão. O rei também adquire uma função

sacerdotal, como mediador entre Deus e o povo (Mowinckel, 2005, pp. 61-75).

Mowinckel (2005, pp. 12 e 96-173) sugere que, em linhas gerais, essas concepções têm características idênticas ao ideal messiânico e lhe dão forma, mas não devem ser confundidas. Devido à constante tensão entre ideal e realidade, o ideal israelita da monarquia tinha, desde o início, um elemento de esperança futura. A seu ver, isso deve ser diferenciado do que se entende por “escatologia” e “messianismo”, porque não se refere necessariamente ao fim dos tempos, e não se baseia em uma transformação cósmica da realidade. A esperança se baseava na atuação de Yavé, mas por meio de processos históricos humanos.

O conteúdo da esperança futura descrita por Mowinckel forma a base da escatologia e do messianismo judaicos, e aparece inicialmente conectado à restauração da dinastia de Davi. Isso ocorre, segundo Mowinckel (2005, p. 20), porque o ideal messiânico como tal só passa a se desenvolver em Israel com o fim da monarquia. A tese de Mowinckel é, pois, composta por duas afirmações básicas. Em primeiro lugar, ele afirma que as concepções de monarquia na antiga ideologia real e no messianismo são idênticas em linhas gerais. Em segundo lugar, os textos bíblicos que informam a expectativa messiânica datam do período pós-exílico, quando a monarquia israelita não mais existia. A expectativa messiânica faria sentido apenas à luz da esperança de restauração nacional (Mowinckel, 2005, p. 155).

Uma séria dificuldade metodológica na proposta de Mowinckel diz respeito a sua definição do messias como figura escatológica e à relação dessa ideia com os textos bíblicos relevantes. Segundo Mowinckel, a distinção entre “ungido” e “messias” serve também como chave para determinar se uma determinada fonte é pré ou pós-exílica. Para ele todos os textos genuinamente messiânicos são pós-exílicos, havendo ainda alguns poucos textos que foram posteriormente interpretados messianicamente que podem ser datados como pré-exílicos, mas não podem ser considerados estritamente messiânicos porque se referem ao rei histórico. Os textos

Reprodução



Saul tentando matar Davi em códice do séc. XIV

messiânicos devem ser reconhecidos como tal apenas se forem pós-exílicos porque o messianismo pressupõe a queda da monarquia. A circularidade do argumento torna a metodologia de Mowinckel problemática.

Uma proposta mais interessante do ponto de vista da interpretação das fontes é a de Talmon (1992), que diferencia também entre o epíteto hebraico *mashiach* e o conceito de messianismo. Para ele, enquanto o primeiro denota um rei efetivamente no trono ou seu sucessor imediato, o segundo conceito assume um caráter progressivamente religioso e visionário que transcende a significação original do termo *mashiach*. Contudo, uma importante diferença entre Mowinckel e Talmon é que o último argumenta que o fenômeno do messianismo judaico se desenvolve desde a fundação da monarquia bíblica, por volta do ano 1000 a.C., admitindo uma maior correlação entre a ideologia real do Israel antigo e o messianismo posterior. A diferença entre as propostas de Mowinckel e Talmon está centrada em como se configura a correlação entre o messianismo e o retrato bíblico da dinastia de Davi. Essa questão é extremamente significativa e deve ser explorada.

Os textos relevantes para a construção do messianismo no *corpus* bíblico não se limitam aos que contenham o termo *mashiach*. Diversos textos, como *Gn.* 49:10, *Nm.* 24:17, e *Is.* 10:34-11:5, foram interpretados messianicamente por grupos diversos no judaísmo do Segundo Templo, com um nível significativo na coerência da interpretação (Collins, 1995; Broyles 1997, p. 23). A evidência sugere que a esperança messiânica se desenvolve no Antigo Testamento primariamente no eixo de tradições e textos que propõem a eleição divina da dinastia de Davi. A mais significativa passagem nesse sentido é o oráculo do profeta Natã, encontrado em *2 Sm* 7:4-17³:

“E naquela mesma noite, veio a palavra de Yavé a Natã, dizendo: Vai e diz a meu servo Davi: Assim diz o SENHOR: Edificar-me-ás tu casa para minha habitação? Porque não habitei em casa alguma desde o dia em que fiz subir os filhos de Israel do

Egito até ao dia de hoje; mas tenho andado em tenda e em tabernáculo. Em todo lugar em que andei com todos os filhos de Israel, falei alguma palavra com qualquer das suas tribos, a quem mandei apascentar o meu povo de Israel, dizendo: Por que não me edificais uma casa de cedro? Agora, pois, assim dirás ao meu servo Davi: Assim diz Yavé dos Exércitos: Tomei-te do rebanho, de detrás das ovelhas, para que fosses príncipe sobre o meu povo, sobre Israel. E fui contigo, por onde quer que andaste, removi os teus inimigos diante de ti e fiz grande o teu nome, como só os grandes têm na terra. Prepararei lugar para o meu povo, para Israel, e o plantarei, para que habite no seu lugar e não mais seja perturbado, e jamais os filhos da perversidade o aflijam, como antes, desde o dia em que ordenei que houvesse juízes sobre o meu povo de Israel. Dar-te-ei, porém, descanso de todos os teus inimigos; também Yavé te faz saber que ele mesmo, Yavé, te fará casa. Quando teus dias se cumprirem e descansares com teus pais, então, farei levantar depois de ti o teu descendente, que procederá de ti, e estabelecerei o seu reino. Este edificará uma casa em meu nome, e eu estabelecerei para sempre o trono do seu reino. Eu lhe serei como pai, e ele me será como filho; se vier a transgredir, castigá-lo-ei com varas de homens e com açoites de filhos de homens. Mas a minha misericórdia não o deixará, como a retirei de Saul, a quem tirei de diante de ti. Porém a tua casa e o teu reino serão firmados para sempre diante de ti; teu trono será estabelecido para sempre. Segundo todas estas palavras e conforme toda esta visão, assim falou Natã a Davi”.



Reprodução

Detalhe de altar bizantino

3 Tradução do autor.

A promessa feita a Davi de uma “casa” eterna formou a base da legitimação da dinastia davídica. Diversos textos do Antigo Testamento refletem essa promessa, dentre os quais podemos ressaltar os chamados “salmos reais” (*Salmos* 2, 18, 20, 21, 45, 72, 89, 101, 110, 132 e 144), que exaltam o monarca da linhagem de Davi.

A experiência histórica real dos israelitas sob a dinastia davídica frequentemente não refletia a visão expressa pelos textos que aspiram por um rei ideal, que governaria o povo como um verdadeiro representante de Deus. As críticas tecidas aos monarcas davídicos nos textos proféticos (por exemplo, *Is.* 10:34-11:5) deixam claro que o ideal bíblico não era correspondido pelos descendentes de Davi que efetivamente governavam.

A queda da dinastia davídica com o desterro dos israelitas nas mãos do Império da Babilônia em 586 a.C. exerce forte impacto nas percepções ideológicas populares do *status* e da eleição da casa de Davi. As narrativas históricas do Antigo Testamento, principalmente as tradições reunidas nos *Livros dos Reis*, afirmam que a queda de Israel e de sua monarquia se deu primariamente como resultado das falhas e pecados de seus líderes.

No período do Segundo Templo, os textos que legitimavam a eleição dos daviditas recebem uma interpretação profética, e são vistos como promessas divinas a respeito de um rei ideal que governaria o povo de forma perfeita no futuro⁴. Os salmos, por exemplo, são muitas vezes interpretados como “profecia”, como no texto de Qumran *IQPs^a* 27:11 (Broyles, 1997, pp. 23-5). Pelo seu foco no rei ideal cujo governo reflete o governo de Deus sobre seu povo, os salmos reais se mostram passíveis de receber uma interpretação messiânica. O conteúdo e a linguagem exaltada desses salmos “fomentam uma esperança monárquica e davídica” (Sicre, 2000, p. 176), uma esperança de vinda de um perfeito representante do reinado davídico.

Diversos outros textos ecoam a esperança da restauração plena da casa de Davi (*Is.* 11:1-9; *Ez.* 34 e 37; *Mq.* 5:1-3). Esses textos foram apropriados por diversos grupos no judaísmo antigo e embasaram a sua esperan-

ça messiânica. Em linhas gerais, portanto, vemos que a crença na eleição divina da dinastia de Davi constitui a matriz textual comum do messianismo judaico. Isso explica a coerência que existe entre diferentes expectativas messiânicas. À luz desse elemento comum, resta ainda identificar os processos ideológicos por meio dos quais a diversidade de messianismos se configurou.

Talmon (1992, pp. 86-91) identifica dois padrões conceituais básicos, que ele chama de “messianismo utópico” e “messianismo restaurativo” (que em sua visão poderiam ser traçados de volta a tradições independentes). Cada um desses perfis deriva de ênfases distintas dadas a diferentes textos da literatura bíblica. O messianismo utópico tende a focalizar em “textos prova” retirados dos *Salmos* e livros proféticos. A partir daí, vai também antecipar uma visão idílica do futuro, jamais experimentada por Israel ou outra nação. Já o messianismo restaurativo concebe a era vindoura segundo um *Vorzeit* histórico percebido como um protótipo idealizado. Nessas configurações de messianismo, o conceito de “era vindoura” é concebido como uma era do passado projetada no futuro. Essa distinção é fundamental para a compreensão dos diferentes movimentos e tendências messiânicas no judaísmo primitivo, especialmente se abordada do ponto de vista da ideologia.

Ricoeur (1989, p. 304) define *ideologia* de um ponto diferente do das teorias marxistas centradas na luta de classes e parte de categorias derivadas de Max Weber e Jacques Ellul. Ele relaciona ideologia ao momento fundador de uma comunidade:

“A Ideologia depende da distância que se para a memória social de um advento que é preciso, no entanto, repetir; o seu papel não é apenas difundir a convicção para lá do círculo dos pais fundadores, para fazer dela o credo do grupo inteiro; trata-se também de lhe perpetuar a energia inicial para além do período de efervescência”.

Podemos correlacionar o conceito de ideologia proposto por Ricoeur – uma “ponte” com o momento fundador de um grupo

4 Nem todos os judeus do período pós-exílico esperavam pela restauração da dinastia de Davi. Por exemplo, a extensão da influência da expectativa messiânica davídica nos círculos que produziram os livros dos *Macabeus* é debatida. Goldstein (1987, pp. 78-88) sugere que o autor de *I Macabeus* evitou os textos messiânicos ou dinásticos porque os asmoneus não pertenciam de fato à linha davídica. Essa posição é criticada por Collins (1987).

– com os dois paradigmas de messianismo oferecidos por Talmon. Nessa perspectiva, o messianismo restaurativo se apropriaria ideologicamente do período da monarquia davídica como o evento inaugural cuja memória promove a coesão do grupo e constitui o alvo da esperança messiânica. Já o messianismo utópico seria caracterizado por uma reinterpretação criativa dos textos, muitas vezes aplicando-os a outros referentes históricos significativos para a comunidade (por exemplo, o “Mestre da Justiça” de Qumran).

Gradualmente, a crítica tecida – principalmente pelos profetas – aos reis desembocou em uma expectativa de uma figura idealizada de um rei vindouro. A concretude das concepções iniciais de monarquia passa então a se tornar cada vez mais utópica e investida de características sobrenaturais e sobre-humanas.

A idealização progressiva do rei “ungido” da monarquia davídica teria como marco inicial a conquista de Jerusalém pelos babilônios em 586 a.C. Impulsionada em parte pelas expectativas proporcionadas por textos do período pré-exílico, a esperança messiânica permaneceu viva. Para alguns, ela pode ser encontrada nos textos referentes a Zorobabel, governador de Judá no período que segue o retorno do exílio em 539 a.C. Esses oráculos se encontram nos livros bíblicos de *Ageu* e *Zacarias* (cf. *Ag.* 2:20-23 e *Zc.* 3:8; 4:1-4; 6:9-15)⁵.

O estudo do messianismo deve levar em conta essa progressão histórica, sem deixar de lado a questão das representações sociais do messianismo. Estas se originam no mesmo universo conceitual e discursivo da monarquia bíblica. Para Talmon, *mashiach* é originalmente uma noção sociopolítica que deve ser abordada primariamente à luz do contexto histórico e conceitual da instituição bíblica do reinado⁶. Esse caráter político “terreno” do conceito é importante para Talmon uma vez que manifestações posteriores do messianismo podem ser mais bem avaliadas tendo em vista grupos constituídos que apresentam aos estudiosos um perfil sociorreligioso específico. Sendo assim, as noções de estrutura social

e entidade sociorreligiosa definível são fundamentais para Talmon⁷.

A partir da figura histórica do rei, o messianismo se desenvolve, para Talmon (1992, p. 82), em uma visão de um salvador super-humano que surgiria em um futuro distante e indeterminado. Ele vê esse processo como ocorrendo em três etapas: do realismo histórico prevalente na era das monarquias, para uma *conceptualização* no período do Segundo Templo, culminando com a *idealização* do ungido após o ano 70 d.C., quando o “Messias” ocupa o lugar principal como o inaugurador da era final da salvação universal.

Talmon (1992, p. 83) afirma que há características-chave dos estágios de realismo histórico e conceptualização. O estágio inicial é centrado no *espaço*, com uma orientação em direção a uma área geográfica definível, a saber, a “nação-estado” soberana do Israel bíblico na era dos reinos⁸. O segundo estágio é centrado no *tempo*, deixando de lado os parâmetros geográficos em direção a um universalismo compreensivo.

Talmon reconhece que as configurações da ideia messiânica não se originam unicamente do conceito bíblico do rei ungido, mas de elementos mais gerais do universo conceitual dos antigos israelitas. As escrituras hebraicas formam o ponto de partida das concepções messiânicas. A ênfase distintiva dos diferentes grupos que defendem ideias messiânicas pode ser explicada como derivada de diferentes porções ou estratos do cânon bíblico, juntamente com fatores externos que afetaram cada grupo (Talmon, 1992, pp. 83-4).

Talmon, assim como Horbury, propõe que o messianismo pode ser percebido antes e depois do exílio, embora os contornos da ideia tenham se delineado mais especificamente no período pós-exílico. É o elemento de continuidade entre as realidades pré e pós-exílicas que permite a percepção da coerência entre as diferentes configurações do messianismo.

A visão de Mowinckel é problemática ao sugerir que o desenvolvimento do messianismo é inerentemente tardio. Essa visão se fundamenta principalmente na oposição

5 Uma descrição detalhada do processo se encontra em: Talmon, 1992, pp. 79-115.

6 Talmon tem cuidado em não traçar uma distinção anacronística entre conceitos “políticos” e “religiosos” no antigo Israel. Ele tem um objetivo específico em mente, a saber, seu propósito é o de contrabalancear a tendência de teologizar as noções de messias e messianismo em seu contexto bíblico. Seu propósito é ressaltar suas conotações políticas mais imediatas, levando em conta o contexto histórico daqueles que desenvolveram esses conceitos.

7 Talmon, 1992, p. 81. Por essa razão, ele afirma ser fundamental observar uma comunidade sociorreligiosa distinta como a de Qumran, e deixa de lado na sua investigação os chamados livros apócrifos e pseud epigráficos, uma vez que ele considera impossível identificar os grupos por trás desses textos.

8 Pode-se levantar uma objeção ao uso de “nação-estado” com referência ao Israel antigo se seguirmos a argumentação de autores como Eric Hobsbawm, que sugerem que o conceito de nação é uma ideia da modernidade. Para uma defesa da ideia de que nação é um conceito que remonta à Antiguidade, ver: Roshwald, 2006.

radical traçada entre esperança futura (eschatologia) e o reinado temporal de um rei contemporâneo⁹. A proposta de Talmon faz mais jus às fontes ao identificar um crescimento das ideias messiânicas como intrínseco e contemporâneo à realidade da monarquia israelita.

Crescendo a partir de concepções comuns de “unção” e monarquia no antigo Oriente Próximo, o messianismo pode ser visto como uma influência sociocultural profunda na comunidade judaica do período do Segundo Templo. Literariamente, a tradição gira em torno primariamente das promessas feitas à dinastia de Davi (2 Sm. 7; Gn. 49:10), dos chamados salmos reais

e dos oráculos de salvação dos profetas. O caráter super-humano atribuído à figura do rei davídico permitiu uma transformação e adaptação gradual das ideias messiânicas do judaísmo e cristianismo¹⁰.

À luz do fato de que o desenvolvimento do conceito de messianismo ocorre segundo realidades históricas e sociais diversas, Talmon está correto em afirmar que isso não pode ter ocorrido de maneira linear. Mas a origem do messianismo do período do Segundo Templo com base no conteúdo dos próprios textos do Antigo Testamento, nos quais a ideia messiânica já se encontra presente mesmo que de forma incipiente, garante uma medida de coerência e uniformidade.

9 Mas a abordagem da chamada escola escandinava e do “Mito e Ritual” – às quais o próprio Mowinckel pertencia – que percebe o conceito de monarquia como intrinsecamente relacionado ao messianismo permite admitir que associações messiânicas remontem ao período das mais primitivas monarquias do antigo Oriente Próximo.

10 Para Horbury (1998, pp.6-7), o conceito de messianismo não se restringiria à vinda de um ser super-humano no fim dos tempos, mas poderia ser aplicado também a líderes proeminentes esperados em um futuro próximo, sem conotações de “fim dos tempos” ou sobrenaturalismo. Portanto, questões por vezes tratadas sob a rubrica de ideologia real são vistas por Horbury como passíveis de ser estudadas sob a ótica do messianismo. Em sua visão, Zorobabel, João Hircanus, Bar Kohba e Jesus seriam todos legítimos representantes de fenômenos sociais que se podem caracterizar como “messianismo”.

BIBLIOGRAFIA

- BROYLES, C. C. “The Redeeming King: Psalm’s 72 Contribution to the Messianic Ideal”, in C. A. Evans e P.W. Flint (orgs.). *Eschatology, Messianism, and the Dead Sea Scrolls*. Grand Rapids, Eerdmans, 1997, pp. 13-24.
- CHARLESWORTH, J. H. (org). *The Messiah*. Minneapolis, Fortress, 1992.
- _____. “Introduction: Messianic Ideas in Early Judaism”, in J. W. Charlesworth et al. *Qumran-Messianism*. Tübingen, Mohr Siebeck, 1998, pp. 1-18.
- COLLINS, J. J. “Messianism in the Maccabean Period”, in J. Neusner et al. *Judaisms and Their Messiahs at the Turn of the Christian Era*. Cambridge, Cambridge University Press, 1987, pp. 97-109.
- _____. *The Scepter and the Star: The Messiahs of the Dead Sea Scrolls and Other Ancient Literature*. New York, Doubleday, 1995.
- FITZMYER, J. A. *The One Who is to Come*. Grand Rapids, Eerdmans, 2007.
- GODOY, M. H. *Dom Sebastião no Brasil*. São Paulo, Perspectiva/Fapesp, 2005.
- GOLDSTEIN, J. A. “How the Authors of 1 and 2 Maccabees Treated the ‘Messianic’ Promises”, in J. Neusner. *Judaisms and Their Messiahs at the Turn of the Christian Era*. Cambridge, Cambridge University Press, 1987, pp. 69-96.
- HORBURY, W. *Jewish Messianism and the Cult of Christ*. London, SCM Press, 1998.
- MOWINCKEL, S. *He that Cometh: The Messiah Concept in the Old Testament and Later Judaism*. Tradução de G. W Anderson. Grand Rapids, Eerdmans, 2005.
- RICOEUR, P. “Investigação de Critérios do Fenômeno Ideológico”, in *Do Texto a Ação: Ensaios de Hermenêutica II*. Tradução de A. Cartaxo e M. J. Sarabando. Porto, RÊS-Editora, 1989, pp. 303-10.
- ROSHWALD, A. *The Endurance of Nationalism: Ancient Roots and Modern Dilemmas*. Cambridge, Cambridge University Press, 2006.
- SICRE, J. L. *De Davi ao Messias: Textos Básicos da Esperança Messiânica*. Tradução de J. A. Clasen. Petrópolis, Vozes, 2000.
- TALMON, S. “The Concepts of *Mashiach* and Messianism in Early Judaism”, in J. H. Charlesworth. *The Messiah: Developments in Early Judaism and Christianity*. Minneapolis, Fortress Press, 1992, pp. 79-115.